

Estado precisa de mais 7 mil salas

Para eliminar a superlotação nas escolas estaduais, a Secretaria de Educação teria de juntar às suas 70 mil salas de aula mais sete mil. Em três anos, o atual governo construiu menos de três mil salas. A Zona Leste da capital é uma das áreas do Estado que mais necessitam de novas classes. Em bairros dessa região, a falta de escolas obriga 46 alunos a ocuparem salas projetadas para 35 e força os estabelecimentos de ensino a funcionarem a plena carga: das 7 às 23 horas, em quatro turnos sem intervalos, enquanto o ideal seriam três turnos.

“A rede realmente tem muitos problemas, mas só há um meio de resolvê-los, apontá-los e cobrar a solução do governo”, admite Antônio Teixeira Júnior, chefe de gabinete da Secretaria de Educação e, por isso, participante do governo. “A população, os diretores e os professores têm de cobrar, e o professor Goldemberg (secretário de Educação) vai reivindicar da Secretaria da Fazenda dinheiro para dar à escola condições de trabalho”, acrescenta.

Se o aviso de Teixeira for levado ao pé da letra, a Secretaria terá muito trabalho neste ano. A escola “Fernando Pessoa”, na Cidade Tiradentes, na Zona Leste, estava recusando ontem matrículas para o segundo grau, porque não tem mais onde colocar seus 2.100 alunos. Construído com 14 salas de aula, o colégio (um dos maiores da região)

funciona com 16 salas. Para realizar essa magia, não foi preciso nenhum truque sutil: a escola simplesmente invadiu as salas destinadas à reunião dos professores e ao laboratório. Com isso, ela ampliou em 160 o seu número de vagas. Mas o conforto está longe: “Fernando Pessoa” funciona com classes de 46 alunos.

A 100 metros dali, a Escola Santa Etelvina 4 também se valeu de medidas nada convencionais para resolver um de seus muitos problemas. A maioria dos alunos terá de se contentar com aulas em dias alternados. A escola está com duas de suas oito salas interditadas. Motivo: no ano passado, um vendaval destelhou parte do prédio e agora o teto das duas classes ameaça desabar. “Já reclamei na Secretaria de Educação, mas até agora não veio nenhum funcionário para avaliar os danos”, diz Maria Angélica Aroni Coutinho, diretora da escola.

DESABRIGADOS

Em Campinas, as aulas de cinco escolas só começarão a 5 de março. Seus prédios estão ocupados pelos desabrigados das enchentes de janeiro. A rede estadual em Campinas também sofre com a falta de carteiras e cadeiras. Em Sorocaba, a falta de salas levou 88 alunos de uma escola da periferia, a “Elza Salvestro Bonilha”, a se transferir para um galpão velho, cedido pela associação dos moradores do Jardim Itanguá.

Diretora Maria Angélica: aulas em dias alternados



Alunos da EEPSPG Fernando Pessoa: escola superlotada e quatro turnos diários